



INTOLERÂNCIA POLÍTICA

Apesar de alegar legítima defesa, júri entendeu que guarda penitenciário cometeu o crime por divergir da pessoa que agrediu

Bolsonarista pega 20 anos por matar petista

» VANILSON OLIVEIRA

Fotos: Reproduções/Redes sociais

O ex-agente penitenciário federal Jorge Guaranhó foi condenado, ontem, a 20 anos de prisão, em regime fechado, pelo assassinato de Marcelo Arruda, tesoureiro do diretório do PT em Foz do Iguaçu (PR) e guarda municipal. O crime ocorreu em 9 de julho de 2022, na festa de aniversário de 50 anos do petista. A defesa do bolsonarista afirmou que recorrerá da sentença ao Tribunal de Justiça do Paraná (TJ-PR).

O Ministério Público do Paraná apresentou denúncia contra Guaranhó por homicídio doloso duplamente qualificado, apontando motivo fútil e perigo comum. Segundo o MP-PR, o crime teria sido motivado por “preferências político-partidárias opostas”, caracterizando o que a acusação classificou como “motivo torpe”. A legislação brasileira não prevê explicitamente a motivação política como agravante para um crime, o que tornou tal argumento um dos pontos centrais do julgamento.

O crime aconteceu durante a festa de 50 anos de Arruda, em um clube de Foz do Iguaçu. A decoração do ambiente e os detalhes do bolo eram em homenagem ao PT e ao então candidato à Presidência Luiz Inácio Lula da Silva.

Guaranhó prestou depoimento por aproximadamente duas horas, na noite de quarta-feira, mas, seguindo a orientação de seus advogados, optou por não



Guaranhó deixa o tribunal rumo à cadeia. Estava em prisão domiciliar

responder às perguntas dos promotores. Relatou apenas que não foi ao clube “nem para brigar, nem para matar”.

Ele reconheceu que chegou à festa em seu veículo ouvindo música da campanha do então presidente Jair Bolsonaro (PL), atitude que, hoje, considera um erro. Alegou, ainda, que atirou em legítima defesa.

O policial disse, no depoimento durante o julgamento, que sentiu-se ofendido com a atitude de Arruda, que jogou terra no carro

em que estava com a família, incluindo o filho bebê — que, segundo ele, ficou ferido no olho. Guaranhó disse que foi embora, mas decidiu voltar ao local da festa depois da primeira confusão porque queria “cobrar explicação do cara que machucou” seu filho.

Registro do crime

As câmeras de segurança desmentem a versão de que Guaranhó cometeu o assassinato em legítima defesa. Mostram-no



Arruda foi morto na festa de aniversário, que homenageava o PT e Lula

desembarcando do carro de arma em punho, apesar de a mulher de Marcelo tentar impedi-lo de invadir a festa. Um vigilante do local relatou que, antes dos disparos, Guaranhó gritou “aqui é Bolsonaro” — mas o próprio policial penal admitiu que disse “Bolsonaro mito”.

No salão, o policial penal disparou várias vezes. Arruda tentou se proteger, mas, como também estava armado, reagiu e revidou contra o bolsonarista, que tentou fugir. Já ali o petista estava ferido

mortalmente — chegou a ser socorrido, mas morreu na madrugada de 10 de julho de 2022. Deixou quatro filhos, sendo que um deles tinha pouco mais de 40 dias à época do crime.

Na sequência ao assassinato, Guaranhó foi agredido por convidados da festa. Por conta disso, foi internado e permaneceu em hospital de Foz do Iguaçu. Assim que teve alta, foi encaminhado ao Complexo Médico-Penal de Pinhais, na Região Metropolitana de Curitiba, onde ficou preso até

setembro 2024. Porém, ele cumpria prisão domiciliar.

O julgamento durou três dias e foi conduzido pela juíza Mychelle Pacheco Cintra Stadler. Quatro mulheres e três homens integraram o júri. Depois de decretado o veredicto, Guaranhó foi recolhido à prisão.

Depoimentos

De acordo com os autos do processo, foram ouvidas como testemunhas Pâmela Suellen Silva, viúva de Arruda; Daniele Lima dos Santos, vigilante do clube onde ocorreu o crime; Denise de Oliveira Carneiro Berekuk, perita criminal responsável pela análise das imagens de segurança; Wolfgang Vaz Neitzel, amigo da vítima e presente à festa no momento do crime.

Também prestaram depoimento Edemir Alexandre Riquelme Gonsalves, tio da viúva de Arruda, que ajudou na organização da festa; Marcelo Adriano Ferreira, policial penal que trabalhava com Guaranhó; Márcio Jacob Muller Murback, amigo do réu e que tinha acesso às câmeras de segurança do local; Simone Cristina Malysz, perita envolvida na elaboração dos laudos do caso; e Alexandre José dos Santos, amigo de Arruda, que também estava na celebração.

A pena por homicídio simples varia entre seis e 20 anos de prisão, a condenação por homicídio qualificado pode chegar a 30 anos.

VIOLÊNCIA

Ciclista leva tiro fatal por causa do celular

Reprodução/Câmeras de segurança



Vitor não reagiu à abordagem da dupla na motocicleta. Homem que atirou ainda o revistou caído no chão

O ciclista Vitor Felisberto Medrado, de 46 anos, foi assassinado, ontem, nas proximidades do Parque do Povo, no Itaim Bibi, Zona Oeste de São Paulo, por assaltantes que roubaram seu celular. Os dois homens estavam em uma moto quando o abordaram e, pelas imagens registradas nas câmeras de segurança, é possível observar que Vitor não reagiu. O latrocínio ocorreu em um dos bairros mais nobres da capital paulista.

Segundo a Polícia Militar, o ciclista foi baleado na Rua Brigadeiro Haroldo Veloso por volta das 6h. Depois da abordagem, o homem que estava na garupa da moto atirou em Vitor, revistou-o mesmo caído e, junto com o comparsa, fugiu com o aparelho. Policiais viram o homem no chão, com um ferimento causado por disparo de arma de fogo, na região do pescoço. Chegou a ser levado ao Hospital das Clínicas, mas não resistiu.

Vitor foi casado com Gisele Gasparotto, dona do clube de ciclismo feminino Lulu Ciclismo. Em 21 de novembro de 2023, ela teve uma bicicleta de R\$ 90 mil roubada enquanto pedalava na ciclovia Bruno Covas, à margem do Rio Pinheiros, na Zona Sul da capital, mas não se feriu.

Ele mantinha uma mentoria de exercícios físicos focada em ciclismo. Vitor também participava de competições. A equipe de ciclismo da qual era integrante conquistou o terceiro lugar na prova de velocidade por equipes do Campeonato Brasileiro de Pista Elite de 2016, no Paraná.

Consternação

Nas redes sociais, amigos lamentaram a morte do atleta. “Vitor, o Mineirinho calado de sorriso fácil, era mais do que um amigo; era um farol de bondade, um exemplo de simplicidade e uma fonte inesgotável de serenidade. Sua presença tranquilizava os ambientes, seu sorriso discreto aquecia os corações e sua maneira calma de ser trazia conforto e paz a todos

ao seu redor”, escreveu Claudio Cordioli, empresário do setor de roupas esportivas.

O jornalista Guga Chacra, da Globo News, se manifestou no X (antigo Twitter) sobre o assassinato. “Minha solidariedade à família e aos amigos do ciclista e atleta Victor Medrado, assassinado hoje (ontem). Os assassinos chegaram e mataram diante do Parque do Povo. Depois, pegaram o celular no corpo e fugiram na moto. Os bandidos ainda estão soltos”, publicou.

O assassino de Vitor é suspeito de ter cometido outro crime, horas depois. Ele tentou assaltar um motociclista e também atirou na vítima — que caiu do veículo, mas não morreu. A motocicleta usada no assassinato do ciclista foi identificada também por câmeras de segurança.

A Secretaria da Segurança Pública do Estado diz que a Polícia Civil investiga o caso como latrocínio (roubo seguido de morte). Em 2024, o total de crimes desse tipo na capital paulista cresceu 23,2% em relação a 2023.

No fim de janeiro, um jovem de 23 anos foi morto pelos ladrões na frente do namorado em Pinheiros. No mesmo mês, o delegado Josenildo Belarmir, de 32 anos, foi morto em assalto na Chácara Santo Antônio, perto do Consulado Americano, na Zona Sul.

Há duas semanas, uma mulher de 51 anos foi agredida por dois ladrões perto da Ciclovia do Rio Pinheiros. Após anunciar o crime e jogá-la no chão, eles fugiram levando a bicicleta da vítima.

Assassina do arsênio no bolo é encontrada morta

» IAGO MAC CORD*

Acusada de ter utilizado arsênio para envenenar a própria família, em 23 de dezembro de 2024, Deise Moura dos Anjos foi encontrada morta, ontem, na Penitenciária Estadual Feminina de Guaíba, em Porto Alegre. A causa do óbito foi registrado como por “asfixia mecânica autoinfligida”.

A Superintendência dos Serviços Penitenciários do estado informou que Deise foi encontrada sem vida durante a conferência matinal da penitenciária e que, apesar dos esforços dos servidores, não conseguiram reanimá-la. “Deise estava sozinha na cela. As circunstâncias serão apuradas pela Polícia Civil e pelo Instituto-Geral de Perícias (IGP)”, observou o órgão.

Segundo os peritos, foram constatadas “lesões externas compatíveis com enforcamento com uso de corda produzida artesanalmente com roupas”. “Além disso, uma carta foi encontrada e custodiada, sendo que o material será encaminhado ao setor tecnicamente competente do IGP para demais exames, com o objetivo de verificar sua autenticidade e eventuais informações relevantes para a investigação”, afirmou o instituto.

Deise estava presa preventivamente desde 5 de janeiro e era julgada por quatro homicídios duplamente qualificados e tripla tentativa de homicídio. Ela misturou arsênio — uma substância tóxica,

comumente associada a venenos e pesticidas — na farinha da casa da sogra, Zeli dos Anjos, de 60 anos, que a utilizou como ingrediente para um bolo natalino.

Pesquisa na net

Segundo a delegada Sabrina Deffente, que conduziu o inquérito, Deise “pesquisou, comprou, recebeu e usou veneno para matar pessoas” em momentos diferentes. Depois que a Polícia Civil apreendeu seu celular, a perícia apontou que a acusada fizera diversas pesquisas relacionadas à água-tofana — substância tóxica utilizada na Idade Média que, segundo a agente, era usada por mulheres que pretendiam “matar os maridos”.

A quantidade de arsênio encontrada no bolo era 350 vezes maior que a dose mínima necessária para o envenenamento, segundo a diretora do Instituto-Geral de Perícias, Marguet Mittman. À época, ela afirmou que, após realizarem exames de sangue e de urina, a concentração de arsênio encontrada nas vítimas era “altíssima”.

Após consumirem o bolo, além de Zeli dos Anjos, foram intoxicadas Neuza Denize Silva dos Anjos (irmã de Zeli), 65 anos; Tatiana Denize Silva dos Anjos (filha da Neuza), 47 anos; e Maida Berenice Flores da Silva (irmã de Zeli), 59 anos. As três morreram.

*Estagiário sob a supervisão de Fabio Grecchi